

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA  
CENTRO DE ESTUDO SUPERIORES DE TEFÉ – CEST  
CURSO LICENCIATURA EM LETRAS – CEST05TLM**

**DIALETO E HOMOSSEXUALIDADE NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: UM  
ESTUDO NA CIDADE DE TEFÉ**

Artigo de Graduação apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras da Universidade do Estado do Amazonas UEA – CEST/TEFÉ, como requisito para obtenção da graduação em Letras - formação Lato Sensu, sob à orientação da professora Doutora Maria de Fátima Castro de Amorim.

**TEFÉ/AM.**

**2019**

**GIOVANA PIRES DA SILVA**

**DIALETO E HOMOSSEXUALIDADE NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: UM ESTUDO NA CIDADE DE TEFÉ**

**Banca Examinadora:**

Orientadora: \_\_\_\_\_  
Maria de Fátima Castro Amorim de Moraes  
Professora Doutora em Diversidad y Desarrollo Socioeducativo – (UEA/CEST – TEFÉ)

Co-orientadora: \_\_\_\_\_  
Raquel Nogueira Ferreira Especialista e Mestranda – (UEA/CEST – TEFÉ)

2º Examinador: \_\_\_\_\_  
Me. Rita de Cassia Eutropio Mendonça Bezerra – (UEA/CEST – TEFÉ)

3º Examinador: \_\_\_\_\_  
Denir Silva de Souza (Secretaria do Estado do Amazonas – (SEDUC/TEFÉ)  
Mestre em Ciências Humanas pela Universidade do Estado do Amazonas – UEA/CEST - TEFÉ

**TEFÉ/AM.**

**2019**

# DIALETO E HOMOSSEXUALIDADE NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: UM ESTUDO NA CIDADE DE TEFÉ

*Giovana Pires da Silva<sup>1</sup>*

*Orientadora: M<sup>a</sup> de Fátima Castro Amorim de Moraes<sup>2</sup>*

*Co-orientadora: Prof. Especialista Raquel Nogueira Ferreira<sup>3</sup>*

## RESUMO

Na busca para definir o uso do dialeto “gay” e a homossexualidade, procuramos iniciar o trabalho objetivando um parâmetro sobre a inclusão e o preconceito dos falantes deste linguajar. E com uma breve explicação sobre o conceito de alguns termos, e a origem destes e da linguagem homossexual, saberemos, assim, como esse tipo de discurso tornou-se atemporal, mantendo-se presente na sociedade vigente através de uma comunidade que se define homossexual. A enunciação na forma do falar dos personagens em estudo – sendo em sete (7) homossexuais, três (3) heterossexuais e dois (2) simpatizantes, contabilizando doze (12) sujeitos, também apresenta caráter interdisciplinar que, de modo conciso, faz uma análise de sua utilidade contextual, cultural e social, para que, assim se possa entender em que momento esse grupo específico de falantes passou a procurar por sua identidade linguística e social, nos modos da formulação de uma linguagem única e diferenciada das demais linguagens até então existentes. E ainda, numa proposta terminológica dentro da linguagem dos variantes grupos que dela se utilizam nos perguntamos: “A comunidade de lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e travestis – LGBTQ+ da cidade de Tefé (AM), tende a utilizar uma linguagem significativa ou estereotipada?”. E tendo uma linguagem ora formal, ora informal, resta saber: “A linguagem pajubá –bichês é única para as(os) diferentes usuárias(os) ou não?” Então nesta tentativa de responder estes e demais questionamentos propostos e que surgiram durante a pesquisa, é que optamos por desenvolver a pesquisa qualitativa, a qual, não se preocupa com relação aos números, mas sim com relação ao aprofundamento e de como ela será compreendida pelas pessoas. A mais, caberá ao leitor um olhar sobre a realidade, e sobre a forma que as informações dadas sejam analisadas, fazendo valer a relevância da temática a partir de significações constituídas e enunciados, as quais envolvem relações de empoderamento, bem como, práticas sociais pré-estabelecidas entre seus usuários e da inclusão midiática com destaque para autores que debatem a respeito do dialeto homossexual no contexto atual e territorial.

**Palavra-chave:** Dialeto pajubá; Linguagem; Comportamento sexual, Identidade homossexual;

---

<sup>1</sup> Acadêmica do 8º período – Curso de Licenciatura em Letras – Matrícula: 1416050013

<sup>2</sup> Professora Doutora em Diversidad y Desarrollo Socioeducativo, da Universidade do Estado do Amazonas – UEA

<sup>3</sup> Pedagoga na Rede Pública de Ensino, formada em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas – UEA, Especialista em informática na Educação – UAB, email: [Raquel.gabriela@hotmail.com](mailto:Raquel.gabriela@hotmail.com)

## INTRODUÇÃO

Uma linguagem se torna ativa quando seus participantes se mostram sociais a partir da prática linguística. A fala se mostra social ao existir nas várias formas e em vários momentos. Logo, a linguagem pajubá “bichês” da comunidade Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e travestis (LGBT), passa a ter em nossa sociedade contemporânea ganhos de destaques em vários meios sociais, em casos especiais, nas mídias que, de certa forma, influenciam nos posicionamentos sobre a inclusão e exclusão pré-conceitual sobre a comunidade LGBT. Estes ganhos passam ser discutidos e ganham visibilidade em vários contextos sociais, onde se toma como foco binário a (des/re)construção da luta do gênero e da visão heteronormativa imposta e que muitas das vezes é machista, deixando frustradas concepções que os definam enquanto sujeito.

Dentro desta nova resenha, este trabalho mostra vários espaços, termos panorâmicos e sociais discursivos que se destacam há várias décadas. A temática expõe uma linguagem diversificada, de performance e de atitudes peculiares de seus usuários, assim como o rompimento de preconceitos sobre seu vocábulo, além de mostrar um dialeto singular que se classifica na origem da história africana como pajubá ou bajubá, e que se populariza num novo contexto como “bichês”, contexto no qual, segundo a visão preconceituosa da sociedade, é usada exclusivamente pelos descolarizados e desvalorizados homossexuais.

Desta forma, os passos da metodologia dessa pesquisa e a temática levaram a realizar levantamentos bibliográficos, buscando a opinião de diversos autores em diferentes artigos científicos, com vistas a identificar os estudos existentes sobre matérias pertinentes ao tema, além de expor a fala dos entrevistados nos questionários.

Tratamos, também, de uma pesquisa qualitativa e exploratória sem um produto final. Nela a linguagem se torna um discurso que não se encerra, mas que abre vastas reflexões com alto valor discursivo, levando o indivíduo a construir várias vertentes discursivas: positiva, negativa, reflexiva e ideológica, e que, muitas vezes, podem desconstruir o lado homofóbico humano, que atualmente é retratado com episódio de violência contra homossexuais, e que se instala em diferentes cenários contemporâneo. Logo, se faz necessário ressaltar conceitos homofóbicos que mostra o lado negativo do ser humano.

## FUNDAMENTAÇÃO TEORICA

### **Homossexualidade: breve histórico**

Ao analisarmos a história da humanidade, verificamos que a homossexualidade em seus variados aspectos vem buscando, dentro de processo de lutas, espaços e adeptos, apoio de simpatizantes para que os movimentos se fortaleçam e se mantenham as novas conquistas de lutas que se arrasta a décadas e que no contexto atual se reafirmam e/ou reconstróem diante de posicionamento críticos/discursivos sobre a sexualidade de gênero e sua autoafirmação, diante da não aceitação ideológica dos padrões heterogêneos – de natureza diferente ou de diferente natureza.

A pesquisa mostra que do ponto de vista histórico, a homossexualidade é tão antiga quanto à própria humanidade" (Frazão & Rosário, 2008, p. 26). Além disso, o termo homossexual foi criado em 1869 pelo escritor e jornalista austro-húngaro Karl-Maria Kertbeny. Contudo Sant'Anna e Daspett (2007, p.58) colocam que a homossexualidade é definida como sendo a atração emocional, física e sexual, por pessoas do mesmo sexo.

Deste modo, cabe ressaltar “que os termos homossexualidade e homossexualismos utilizados nos discursos da sexualidade sofrem desentendimento conceitual, no sentido de identificar qual o melhor termo a ser utilizado para denominar a orientação sexual ou o gênero que o/a defino/a – Homem&mulher, Mulher&homem, Feminino&masculino, Masculino&feminino, Hetero&homo e/ou Homo&hetero (grifo meu, 2019). Assim sendo, (Feijó, 2008; Sant'Anna & Daspett, 2007) afirmam:

Apesar do termo homossexualidade ser menos restritivo e inadequado do que o termo homossexualismo, considera-se que uma pessoa tem muitos modos de ser, e que a sua identidade se compõe de diversos aspectos e não só da orientação sexual, mas do sexo biológico (macho/fêmea), identidade sexual (masculino/feminino) e aspectos psicológicos (FEIJÓ, 2008; SANT'ANNA & DASPETT, 2007).

A tanto, o termo homossexualismo já é considerado uma expressão errônea e pejorativa na atualidade, pois o sufixo “*ismo*” segundo estudos psíquicos remete à doença. Já o termo homossexualidade configura-se no mais correto, pois traduz a característica e a orientação sexual, seja por quem for o seu desejo. Referindo a este apontamento, Sant'Anna e Daspett (2007) dispõem a sexualidade nos discursos histórico/social e enfatizam a questão do pertencer afetivo:

a homossexualidade, durante muitos anos, foi vista como uma mistura de pecado, doença e crime. Desse modo, rejeições impactantes e variadas foram e ainda são frequentes no contexto social desses indivíduos, o que faz daqueles cujo desejo afetivo-sexual é direcionado para pessoas do mesmo sexo, um dos agrupamentos mais atingidos pelo preconceito, pela intolerância e pela discriminação. Contudo, pessoas com orientação homossexual se desenvolvem e estão presentes em todo tipo de lar e/ou famílias, bem como também estão presentes em vários grupos socioeconômicos, étnicos e religiosos. (SANT'ANNA E DASPETT, 2007, p. 167)

O registro que caracteriza a homossexualidade atribuída aos seres que se sentem atraídos, seja pelo lado físico, emocional, atrativo ou estético a um outro ser, que possua o mesmo sexo biológico e o mesmo gênero que o seu. Em relação ao gênero, trata-se de um processo que não tem início nem fim, podendo ser construído e desconstruídos ao longo do tempo. Em outras palavras:

O gênero é um produto tácito para renovar a nossa história cultural segundo nossos próprios termos; não se trata de uma tarefa descritiva na qual devemos nos empenhar, mas de uma tarefa na qual estamos empenhados desde sempre (BUTLER, 2003, p.131)

Os homossexuais questionam o sentido do que está sendo estabelecido no meio social e buscam por uma normalidade sexual com base nas vivências de cada um em diversas sociedades. Nota-se que ainda há discriminação dos homossexuais e estes são postos às margens da sociedade.

### **A visão homofóbica e a descriminalização da luta homossexual**

A comunidade LGBT está, como muitos seres, diferente (negros, gordos, pobres etc), à margem de uma sociedade preconceituosa. E como tantos, também alvo de estudos, pois reproduz algo maniqueísta que chama atenção, seja pelo seu modo de vestir, viver, pensar, escrever e falar, que levam a ser estudada e refletida. A grosso modo, não é tarefa fácil aceitar as diferenças, mas, “é importante e necessário que se reconheça a visão do “Outro” (cf. Hall, 2006, p.148).

O homossexualismo não é uma temática a ser discutida como um ato de modismo, mas, por se tratar de “**tabu**”<sup>4</sup>. Atualmente a sociedade vem tratando este assunto com mais naturalidade, o discurso agora já está mais inclusivo – “o normal passa ser diferente” e “diferente passa ser normal”. É uma questão binária no “**des**” para “**cons**”, uma visão de desocultar o que o ser humano tem escondido ao longo dos anos, uma privação que descaracteriza a sexualidade entre homem e mulher, entre o “ser” e o “estar”. Para Hall (2006,

---

<sup>4</sup> “Tabu” denomina **algo que é considerado proibido**, seja uma prática que é apontada como **imoral, reprovável ou mesmo que vai contra à cultura e à religião**.

p.149), “somos diferentes a todo momento, nossas identidades não estão fundidas em apenas um “eu”, mas sim em vários”. Somos diversas pessoas em uma só, pois ora somos informais, ora formais, ora trabalhador, ora filho, ora ser, ora bicho, ora “mona”, ora “bofe” etc.

A privação a algo nos faz, muitas vezes, afastarmos da nossa essência, para encorpar a posição onde todos se agradam, uma falsa realidade que perpetua e frustra a humanização. Esse estado e/ou esta situação se dá pelo fato de o sujeito está inserido e exposto às diversas “comunidades” nas quais compartilham identidade de diversas formas. Por intermédio dessas “comunidades”, o sujeito é refletido pelo “eu” determinado e determinante de sua posição no aqui e no agora. O ato de empoderar retratado na pesquisa, ressalta o estado homofóbico do ser humano. Entendendo que este já se faz presente e passa ser visto na imprensa que notifica morte de homossexuais, pessoas que xingam e destratam pessoas fora de padrões étnicos.

O termo homofobia refere-se a uma expressão coloquial, de uso popular, utilizada para exprimir atitudes e comportamentos negativos, de medo ou de ódio, contra gays e lésbicas (NARDI & BOLTON, 1991; O'BRIEN, 2001).

Embora o termo seja popularmente empregado, alguns autores tais como (ADAMS, WRIGHT, & LOHR, 1996; O'BRIEN, 2001; PARROTT, 2008; PARROTT & ZEICHNER, 2005) sugerem que os termos "preconceito antigay" (*antigay prejudice*) ou "preconceito sexual" (*sexual prejudice*) seriam melhor utilizados, uma vez que o termo "homofobia" poderia conotar uma resposta fóbica psicopatológica, não refletindo a extensão de agressões e atitudes contra homossexuais. Mais além, tais explicações apresentam-se pouco funcionais para a compreensão do fenômeno, suas consequências e causas, como cita Fazzano (2015, p 537) “estudos indicam que mais de um terço dos homens e mulheres homossexuais são vítimas de violência e 94% relataram algum tipo de vitimização devido a sua sexualidade sendo a maioria das vítimas homens homossexuais ou com características mais femininas”. O indicador do autor mostra, que há uma porcentagem muito alta de casos homofóbicos em relação a/o homossexuais. O que legitima a violência comportamental de pessoas homofóbicas.

Este estudo, nos leva a refletir em termos da análise do comportamento, como este um conjunto de atitude negativa opera e responde o lado emocional perverso de agressão (seja física, psicológica ou sexual) contra indivíduos homossexuais ou que se indicam e se inserem em grupos de cultura homossexual.

Deste modo, vimos que a homofobia, assim popularmente denominada, pode não ocorrer em todos os locais ou com todas as pessoas identificadas com o universo LGBTQ+, mas nem por isso, sua ocorrência ou relevância deve permanecer oculta aos olhos da ciência ou da elaboração de políticas públicas - ela ocorre, e isto é um fato.

## O dialeto “gay” via exposição midiática

Neste tópico falaremos especificamente da linguagem homossexual. E seu envolvimento nas mudanças que ocorrem constantemente na língua(gem) dos falantes, e que se mostra muito rápida e está mais visível do que nunca, principalmente nos meios midiáticos: novela, programas, redes sociais (facebook, Instagram e outros). Um dos exemplos mais próximos é a abertura nos programas televisivos e nas políticas públicas, onde as contribuições destes indivíduos se tornam visíveis.

Foi a tecnoinformação por meio de avanços tecnológicos [...] que possibilitou um mundo mais veloz, de discursos que atravessavam o globo em um piscar de olhos no chamado tempo real, que mudam a economia na tecla do computador, que nos aproximam de forma surpreendente, que nos possibilitam ser e ver outros virtualmente como também “conversar” com pessoas que nunca vamos ver, que nos assustam como alteridades nunca imaginadas – provocando a construção de discursos fundamentalistas, que podem abrir nossos olhos para outras formas políticas de viver tanto a vida íntima e pública que, aliás, se confundem cada vez mais [...], questionando verdades naturalizadas em todos os sentidos, embora possam também confirmá-las, já que, como sabemos, são muitos os discursos que nos chegam (LOPES, 2011, p. 91-92).

Logo, a língua é viva, e utilizamos diversas linguagens para nos comunicarmos. Associada a ela, temos a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, que tem a mesma função objetiva: comunicação. Ambas podem ser de duas formas: formal e informal. Há uma explicação usando o dialeto enquanto forma de comunicação.

Exemplificando, usamos diferentes formas para nos comunicarmos em diferentes ambientes. Em uma praça/lanchonete/bares/boates/palestra/no trabalho o indivíduo utiliza a linguagem mais formal, diferente da qual utilizará com seus pares ou comunidade. Com a linguagem biches, o gay irá utilizar da mesma forma. A expressividade corporal perde a intensidade performática, o que expressa Cezari & Votri (2009) ao afirmar em seus estudos:

A sociolinguística é uma área que estuda a língua em seu uso real, levando em consideração as relações entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística. Para essa corrente, a língua é uma instituição social e portanto, não pode ser estudada como uma estrutura autônoma, independente do contexto situacional, da cultura e da história das pessoas que a utilizam como meio de comunicação (CEZARI & VOTRI 2009, p. 141).

Em análise ao fragmento acima, é notável a colocação linguística dos autores sobre a linguagem usual, visto que seu formato principal tem aspectos oriundos dos aspectos sociais e das expressões culturais. Para ambos a questão da variação da língua deve ser levado em conta ao contexto, ou seja, “um de seus objetivos é entender quais os principais fatores que motivam a variação linguística, e qual a importância de cada um desses fatores na configuração do quadro que se apresenta variável” (Ibid, grifo dos autores).



Desse modo, no contexto atual a visibilidade do dialeto pajubá nos meios de comunicação passa ser dotada como uma expressividade simbólico cultural, não só por se fazer presente na fala dos seus integrantes homossexuais, mas, por estar inserir em uma boa parte dos falantes heteros, que usam essa linguagem como forma de deboche e/ou como ato performático artístico. Para Moraes<sup>5</sup> (2019), “as expressões linguísticas do grupo cada vez mais se amplia tanto cultural quanto simbolicamente, quanto está linguagem é usada no contexto biches; por outro lado, em outros contextos muitas pessoas dão a denotação que lhes convêm”. Sintetizando a fala, a pesquisa evidencia seus objetivos mais uma vez, mostrando que o “bichês” tomou lugar maior no meio “gay” e também no meio heterossexual, pois, novas palavras foram incorporadas ao vocabulário, através de representações expressivas retiradas dos estilos musicais atuais, como: o Pop, o Funk, Hip-hop, Funknejo e Rapnejo etc, da internet, das novelas, programas humorísticos, na literatura e nos jogos de vídeos games<sup>6</sup>, que de forma espontânea surgem e automaticamente passam a fazer parte deste vocabulário.

### **Registros formais do dialeto**

Para que possamos compreender a história da linguagem homossexual e/ou linguagem “gay”, assim como sua identidade, entraremos no âmbito cultural e sociológico, para isso, precisaremos entender como funciona e como se formou a sociedade homossexual. Nesta perspectiva temos:

A primeira aparição registrada do termo ‘homossexual’ foi encontrada em um panfleto de 1869 publicado anonimamente pelo romancista alemão Karl Maria Kertbeny. Porém, em 1886, Richard Von Kraft Elbing usou os termos “homossexual” e ‘heterossexual’ pela primeira vez. (SALGUEIRO, 2018, p.74).

Há controvérsias; segundo os discursos contemporâneos sobre esse posicionamento, o dialeto surgiu no ano de 1995 e teve destaque em 2000. Vejamos o que diz o portal Super Interessando (2018):

O pajubá foi criado durante a época da ditadura militar, possivelmente entre as décadas de 1960 e 1970, ganhando seu primeiro ‘documento oficial’ no ano de 1995, com o livro de nome “Diálogo de Bonecas”, organizado pela presidente de uma extinta associação de gays e afins, Jovana Baby da Astral (Associação de Travestis e Liberados), no Rio de Janeiro, no qual constam cerca de 800 palavras listadas. Já no início dos anos 2000, saiu a publicação “Aurélia, a dicionária da língua afiada”, obra assinada pelo jornalista Angelo Vip e por Fred Lip, [...]. São mais de 1.200 verbetes

<sup>5</sup> Fala da orientadora da pesquisa em posição de simpatizante da comunidade LGS, Curso de Letras, Disciplina – Pesquisa e Produção Acadêmica em Letras II/CEST0858. 8º Período 2019,

<sup>6</sup> Nos jogos, durante a década de 1980, os personagens dos jogos considerados e identificados com aspecto encarnado característica LGBT raramente foram mostrados em um contexto realista ou não estereotipado e muitas vezes foram objeto de ridículo ou piadas. Disponível: [«GLBT History in Video Games: 1980s». www.gamingbus.com.](http://www.gamingbus.com)

que mostram o significado das palavras do pajubá, que surgiu, muito provavelmente, no contexto da ditadura militar, em meados dos anos 1960 e 1970. A publicação também revela um pouco dessa história da língua outrora secreta dos travestis e que pegou em outras culturas. (QUERINO, RANGEL, 2018, p.64)

Esta linguagem predominante de um grupo, passa a revolucionar os espaços sociais, disponibilizando a tolerância e a liberdade do percurso linguístico que se transforma no contexto sexual, cultural e geográfico. Também, nesta perspectiva o público homossexual adota o dialeto pajubá como foco singular de sua relação, incorpora-se ao meio heterossexual. E desta relação surgem novas palavras e expressões que são incluídas ao seu vocábulo, linguagem estas vindas do estilo musical, da mídia e da internet. Como a língua é viva e “não tem dono” o discurso “o tempo altera todas as coisas, não existe razão para que a língua escape a essa lei universal.” (ILARI, 2004, p. 53).

Os seres humanos são indivíduos dotados de características gerais semelhantes; a sociedade humana se subdivide em grupos diferentes; essas características sejam elas físicas, linguísticas, geográficas ou sociais, criam formas diversas de expressões e comunicação. Logo, “a linguagem é, sem dúvida alguma, a expressão mais característica de um comportamento social, sendo, por isso, impossível separá-la de suas funções sócio-interacionais”. (CAMACHO, Sociolinguística, parte II, p. 148).

A linguagem é um meio de sintetizar a língua e a comunicação verbal, expressar ideias e sentimentos comuns e tem fundamental importância na manutenção da coesão do grupo, já que será por meio dela que os indivíduos poderão partilhar valores e experiências vividas em seu meio social. Ou seja, “um falante revela muito sobre si mesmo no momento em que abre a boca, estamos acostumados a fazer inferências a respeito de um falante, baseando-nos em sua linguagem.” (COULTHARD, 1991, p. 217).

Vamos retomar um trecho de Paco Vidarte (2007):

Falamos sua linguagem perfeitamente “a linguagem dos heterossexuais”, eles nos ensinaram desde pequenos; mas somos bilíngues e temos um idioma próprio que, para eles, é incompreensível, bárbaro. Não há nada a ser explicado. Nós nos entendemos. E se traduzimos tudo a cada passo que damos, provavelmente parecerá ridículo, inconsistente, infundado. Não é nossa a tarefa de tradutores. Nossa tarefa é fazer coisas, mas, que coisas? Fazer o quê? Resta algo para fazer? Já não podemos nos casar e operar? Resta um porvir de discurso e reivindicação por explorar? (PACO VIDARTE 2007, p. 57, tradução nossa).

Mais uma vez, a questão da linguagem é central na argumentação que aqui fazemos sobre a origem de um estilo de linguagem próprio de homossexuais, algo que é patente nos discursos atuais; contudo, essa questão é ampliada por outro ponto levantado. Saussure (2004, p.56), afirmar que “a língua, enquanto sistema de signos abriga em si mesma um universo, uma

explicação singular para experienciar, ver e entender os sentimentos e as materialidades das coisas do mundo”. O pajubá, nesse caso, é resultado de uma performatividade linguística, e não de uma ontologia ou suposta naturalidade. Caetano (2016, p. 183). “é ‘aprendida’, ou melhor, é construída, ao longo de toda a vida, de muitos modos, por todos os sujeitos”.

Assim, comenta Paco Vidarte, sobre a linguagem criada pelos gays:

A necessidade de criar tal linguagem responde, como não poderia deixar de ser, à marginalidade, quando não à marginalização, da qual a homossexualidade foi objeto em uma sociedade majoritariamente heterossexual. E essa sociedade, ao longo de sua longa história, só foi capaz de produzir termos pejorativos, irônicos, ofensivos, ridicularizantes, condescendentes ou divertidos, na melhor das hipóteses, para se referir a nós e a nosso modo de viver. Segue-se disso, e isso é um bom sinal, o surgimento de uma linguagem privada capaz de veicular realidades, sentimentos, situações, vivências em primeira pessoa e livre da chacota, do escárnio e do riso que nossa vida parece provocar em certa gente e que se cristaliza em uma multiplicidade de palavras e expressões dolorosas, mas que todo mundo utiliza sem lhes dar maior importância (VIDARTE, 1999, p. 44.).

Conforme a importância dada às formas de expressões criadas pelos homossexuais – uma linguagem em “primeira pessoa”, como afirma Vidarte – amparando-se, principalmente, no entendimento de que tal linguagem torna viável a expressão de experiências a partir do olhar dos próprios homossexuais, sem a mediação ridicularizante e/ou condescendente dos heterossexuais. E aí reside a relevância de homossexuais passarem de objetos e temas a sujeitos e protagonistas do discurso que busca representar e visibilizar as práticas e as sociabilidades gays.

Para tanto o estudo, faz referência e dispõe na fala do autor espanhol, mesmo sem indicar de modo claro em seu texto, fornece-nos elementos para afirmar que, de um sistema social regido majoritariamente pela heteronormatividade, somente podem se derivar perspectivas distorcidas – ora zombeteiras, ora violentas – do modo de viver dos e das homossexuais. Em se tratando ainda da necessidade da linguagem gays só criaram para si uma linguagem que lhes seja favorável, o Pajubá, língua(gem) de ampla circulação entre as travestis, que, por conta da significativa mobilidade das pessoas trans, teve seu uso disseminado – e muitas das vezes, reapropriado, e esse é um processo intrínseco aos sistemas linguísticos – sobretudo por gays.

Segundo Moraes (2019), “essa linguagem nomeatoria do bichês é uma linguagem grupal é uma forma de diferenciação de outros grupos e ao mesmo tempo uma forma de empoderar o grupo social e culturalmente”. Desconsiderando o crescente da intolerância, da proliferação da xenofobia e da homofobia, o Pajubá se apresenta como um local a partir do qual

seria possível negociar uma nova ética por meio da qual homossexuais e heterossexuais, e outras identidades sexuais possíveis, conviveriam de maneira solidária e harmoniosa.

Tal entendimento encontra sua base de sustentação, quando alguns termos do iorubá também são utilizadas na Umbanda como, por exemplo, “erê” que é criança, já para a comunidade LGBT, a mesma palavra significa adolescente. Os usuários da língua que provém do iorubá, o pajubá, utilizam-na quando estão reunidos em suas “comunidades de prática” (RAMPTON, 2006, p.214), muitas vezes para falar sobre determinado assunto, para que outros ao redor não saibam do que estão falando, como se fosse uma espécie de código. Alguns homossexuais (gays) utilizam gírias de sua linguagem com a mesma finalidade.

Amapôa/vagina, Racha/vagina, Neca/pênis, Bofe/hétero, Édi/ânus, Elza/roubo, Picumã/cabelo, Panqueca/passivo, Mona/mulher, Straight/ heterossexual, b(/homem, Trava/travesti, Alibã/polícia, Bee(lê-sebi)/ bicha, Aleijo/problema, Maricona/gay velho, Akuen/conversa e Sapatão/lésbica... (Dicionário morfológico da língua portuguesa, 5V. 1984, p.58)

Posteriormente podemos perceber a utilização de alguns termos das gírias da comunidade LGBT, os quais, se fossem interpretados através de seus significados na Língua Portuguesa Brasileira ou através do dicionário Aurélio, por exemplo, não fariam sentido algum. Para entendermos o que as pessoas estão falando no seu dia-a-dia, temos necessariamente que entender o significado das gírias da comunidade LGBT utilizadas.

Assim como, em destaque temos as palavras vindas diretamente do vocábulo das tribos africanas onde se falava o pajubá. Também temos, um conjunto de palavras. Paralela a territorial, que permite e demonstra certos vocábulos e seu significado. E por fim, esta linguagem designada não discriminatória já está sendo abordada, comentada e até tratada, em meios considerados de grande importância e influencia.

## **METODOLOGIA**

***“Se você já fez a egípcia ou conhece alguém que dá a Elza”, possivelmente o pajubá não é grego para você***”. Essa frase serviu como discurso narrativo para expor um modo de fala, uma técnica que pedia informações reflexiva para obtenção de conhecimento. Embora, muitos sequer conheçam o significado de alguns enunciados, ainda assim poderão constatar que se tratava de um dialeto não muito utilizado por nós heterossexuais.

Os termos expressivos característicos do dialeto gays e travestis, como os que iniciam esse texto, acabaram se popularizando e serão abordados de forma significativa neste trabalho. Para tanto, contaremos com a ajuda do método dedutivo onde o processo de raciocinar a partir

de premissas para alcançar uma conclusão logicamente correta, em um ou mais argumentos. Por outro, chamado por Aristóteles de silogismo, ou seja, o raciocínio dedutivo parte da dedução formal tal que, postas duas premissas, delas, por inferência, se tira uma terceira, chamada conclusão. No que diz, Salmon (1976), a lógica dedutiva:

Provê ferramentas críticas com as quais podemos fazer avaliações sólidas de inferências [...] assim que uma inferência é feita, pode ser transformada em um argumento, e se pode aplicar lógica para determinar se ela está correta. A Lógica não nos diz como fazer inferências, mas ela nos diz quais inferências nós devemos aceitar. (SALMON, 1976, p. 13)

Entendendo a lógica da inferência, devemos frisar que a dedução não oferece conhecimento novo, uma vez que a conclusão sempre se apresenta como um caso particular da lei geral. A dedução organiza e especifica o conhecimento que já se tem, mas não é geradora de conhecimentos novos. Ela tem como ponto de partida o plano do inteligível, ou seja, da verdade geral, já estabelecida. Logo, o Método é o caminho pelo qual se chega a determinado resultado, ainda que esse caminho não tenha sido de antemão refletido e deliberado.

Para tanto, ressaltamos neste caso que os objetivos propostos seguem um raciocínio lógico que determina a análise dos falantes da linguagem “pajubá” ou linguagem dos “gays”, em uso particular, coletivo e privado, sintetizando uma mostra ora formal, ora informal da linguagem na comunidade LGBT em Tefé especificamente. Em cada ato, a questão biforme (des/re)construtiva visa compreender a linguagem na relação com a sociedade homo e heterossexual.

Desta forma, o estudo se embasa num levantamento bibliográfico em soma com artigos que objetivam e legitimam a temática. Nesse processo, observamos e discorremos sobre o estudo fazendo um percurso histórico social, bem como, a origem e ideia da linguagem “pajubá” como identidade social. Afirma Lakatos e Marconi (2013, p.43-44):

a pesquisa bibliográfica “trata-se de levantamento de toda a bibliografia já publicada, em forma de livros publicações avulsas e imprensa escrita. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo aquilo que foi escrito sobre determinado assunto. (LAKATOS E MARCONI. 2017, p.43-44).

Portanto, esse tipo de pesquisa deve ser uma rotina na vida acadêmica. Isso porque o levantamento bibliográfico tem por objetivo conhecer as diferentes contribuições científicas disponíveis sobre determinado tema. Ele dá suporte a todas as fases de qualquer tipo de pesquisa, uma vez que auxilia na definição do problema, na determinação dos objetivos, na construção de hipóteses, na fundamentação da justificativa da escolha do tema e na elaboração do relatório final, podendo ser usada para diversos fins.

Esta pesquisa, também tem sentido *descritivo* e *explicativo*, pois teve o propósito de descrever, caracterizar, identificar e discutir o fenômeno, a visão, e o sentido significativo do dialeto gay e da homossexualidade no âmbito social. E mais, esta técnica é a que mais aprofunda o conhecimento da realidade, explicando assim, a razão, o porquê das coisas. Uma abordagem de *cunho qualitativo* que de acordo com Minayo (1993, p. 10) configura-se como o estudo capaz de "... incorporar a questão do significado e da intencionalidade como inerentes aos atos, às relações, e as estruturas sociais". Desta maneira, entendeu-se que esta abordagem sustenta as questões relacionada sobre a linguagem e a homossexualidade através dos posicionamentos do sujeito.

A ampliação deste estudo partiu da convivência destes indivíduos em vários setores público na sociedade teefeense. Entre estes indivíduos, se destacam 4 (quatro) “bichas” rapazes, “monas” monas – assim definidos por el@s – no qual se apresentam como sujeitos passivos de empoderamento social.

As informações obtidas através do *questionamento de entrevista semiestruturada* seguem a premissa do conhecimento qualitativo que valoriza novas formas de produção de informação e o caráter ativo do pesquisador, que de forma subjetiva contribui para o constante diálogo entre a teoria e a prática. Fraser e Gondim (2004), destacam a epistemologia qualitativa a respeito da compreensão dos fenômenos, argumentando sobre a coerência da subjetividade do pesquisador.

[...] no significa [...] defender um relativismo subjetivista, de acordo com o qual cada um tem a sua verdade, mas reconhecer que as visões de mundo dos grupos humanos se sustentam nos níveis de compartilhamento vivenciados por eles: época, lugar, processos de socialização, nível de desenvolvimento da ciência e da sociedade, hábitos e costumes culturais, língua, ambiente etc. (FRASER E GONDIM. 2004, p. 147).

Desta forma, a pesquisa qualitativa se torna um marco epistemológico para os processos de construção das informações deste estudo. Gaskins e Cols (1992, p.44) assumem a abordagem interpretativa do desenvolvimento, que tem como premissas básicas três aspectos: 1) o caráter social e historicamente situado do desenvolvimento; 2) o processo de criação de significados e 3) o poder constitutivo da linguagem.

Então, a pesquisa qualitativa está em permanente movimento de construção das informações e procura responder às necessidades da própria investigação. Buscamos elaborar suas etapas a partir de uma postura dinâmica, orientada pelas perguntas e novas questionamento que estão no curso discursivo da pesquisa. Com isso, o roteiro deste instrumento abordou as

seguintes questões descritas no item Resultado da discussão, onde os sujeitos estudados aparecem codificados quando em suas falas para preservar sua identidade.

Para a análise das informações a pesquisa apoia-se na proposta de Gaskins, Miller e Corsaro (1992, p.45), que visa utilizar a abordagem interpretativa quando o foco da investigação é o significado da ação humana frente a contextos culturais específicos. Para tanto, a finalidade dos relatos da pesquisa, busca comunicar os resultados obtidos na investigação. Com isso, a sua apresentação formal deve obedecer às normas técnicas padronizadas e determinada de forma a serem seguidas conforme os objetivos e as discursões analisadas.

Desta forma, as questões foram elaboradas com o intuito de obter e extrair falas discursivas dos sujeitos envolvidos. Tendo estas falas discursivas com sentidos significantes, sem deixar que tal discurso fuja do marco teórico do trabalho e das questões que norteiam a pesquisa. Pois, cabe a este suporte, uma lei no apoio na análise coletiva, subjetiva e compreensiva do objeto de estudo. Diante desta premissa, foram estudados um quantitativo de sujeitos relevantes que se destacam e fazem presentes nos diferentes contextos sociais da sociedade teffeense, seja na: **Educação**: 6 homossexuais/escolarizad@s, sendo 4 (ensino Médio completo) e 2 (Ensino Superior); no **Campo profissional (3)**: 2 (cabeleireir@s) e 1 (Auxiliar administrativo); no **Campo social (3)**: 2 héteros (1 com especialização e outro, sem escolaridade), 1 simpatizante (professora).

Posterior a estes elementos de dados para a análise, foram selecionados os discursos pertinentes, codificados para serem postos em análise e de acordo com os objetivos da investigação; os demais descartados. Também foi preservada a identidade dos contribuintes atribuindo-lhes nomes “sociais”<sup>7</sup>, grafado com uso da letra “A” conforme a especificação dada por el@ na fala do discurso. Logo, as normas éticas em pesquisa foram respeitadas, através da codificação dada a cada sujeito.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

### Origem do Pajubá ou Bajubá – Dialeto de Homossexuais

*“Nhaí, amapô! Não faça a loka e pague meu acué, deixe de equê se não eu puxo teu picumã”!*<sup>8</sup>  
(trecho retirado do Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM/2018.)

<sup>7</sup> Nome sociais: como eles são identificados nos grupos homossexuais – LGBTQ+, e como preservação do nome de batismo. Exemplo: “**ASTOLFO BARROSO PINTO** (nome de batismo), **ROGÉRIA**” (nome social). Logo, durante as transcrições, será usada as codificações para homo (A1, A2, A3, A4, A5, A6), para hetero e simpatizante (H1, H2 e S1).

<sup>8</sup> “Oi, mulher! Não se faça de desentendida e pague meu dinheiro, deixe de me enrolar senão eu puxo seu cabelo”.

Ao citar acima o trecho do conteúdo exposto no exame externo nacional, alguns alunos se depararam com uma linguagem que lhes causou estranhamento. Uma combinação de palavras pouco usual dos padrões linguísticos. Afinal, a mistura de português informal com uma fala próxima a línguas africanas, soou incompreensível, pois esta não tinha nenhuma remota significação à primeira vista, até porque se tratava de uma linguagem homossexual - pajubá ou bajubá, definido no texto referido acima como: “Dialeto secreto”. Grifo, “tudo que é secreto, é escondido”. Logo, do latim vem *secretu-*, «separado». E do português, sinonimizando, temos – *confidencial, desconhecido, encoberto, escondido, ignorado, incógnito, isolado, doculto, particular, privado, recôndito, remoto, reservado, retirado, sigiloso, solapado, solitário, só, íntimo*, (disponível em: [www.infopedia.com](http://www.infopedia.com). Acesso:12/05/2019).

A justificava para este grifo busca discutir a empatia que o(s) falante(s) deste dialeto tem enfrentado dentro do processo histórico, alguns descasos visivelmente relacionados a sua condição física, psicossocial, econômica, gradual e profissional.

A denominação pajubá ou “bichês”, é uma linguagem de caráter informal, diferente do “português padrão”, *falada por homossexuais de classes sociais inferiores* (expressão homofóbica, que a pesquisa retrata como fala dos héteros homofóbicos que se expõe de forma negativo). O pajubá também é vista como uma linguagem a ser evitada e somente falada com teor humorístico. Até mesmo, os que dela fazem uso tendem a imitar de maneira “debochada” a forma de se comunicar de seus falantes que correspondem ao estereótipo, chamado a linguagem do “P”, “F” e do “S”.

Através do posicionamento de Costa (2018):

o dialeto pajubá é a linguagem que as travestis inventaram para se comunicar sem se fazer entender, e também uma língua que possibilita muita “fexação” (como você pode ver, até a ortografia pajubá é diferente). É uma antilinguagem, um falar que previne que pessoas de fora do grupo entendam. E não basta falar: é preciso agir o Pajubá. (COSTA, 2018, p.12).

Ainda, neste exame, toda a questão servia para provocar o aluno sobre a existência de variações linguísticas no português falado no país. Marcava a alternativa correta quem concordava que a linguagem pajubá tem “status de dialeto para os falantes” e poderia ser considerado “parte do patrimônio linguístico brasileiro” por ser “consolidado por objetos formais de registro”. E mesmo sem saber o que significa “amapô” ou “acué”, é bem provável que os alunos buscaram algum elemento linguístico que lhes desse referência e/ou sentido para responder à questão. Algumas análises expostas nos anais da comunicação consideraram a



questão absurda por supostamente exigir do candidato o conhecimento de uma linguagem tão específica.

Uma mesma questão foi explicitada para os homos e para os heteros a qual provocou polêmicas por conta do tema abordado. ***Que sensações você tem ao ver a linguagem “gay” inserida em textos escolares, na prova do ENEM e na internet? Escolha uma opção ou defina outra, depois explique: Amei/Foi bom/Não sentir nada/Detestei/Outra***. E pede que a justifique. Em oposição a narrativa o sujeito (H1), argumenta que o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio - 2018), “[...] pretendia “manipular” as pessoas que não são gays a aceitar os afeminados, e usou como motivo o texto sobre o modo de falar desses indivíduos”. A posição do (S1) é contrária ao (H1), “eu discordo com alguns posicionamentos negativos que surgiram nas mídias, até discutir com amigos. Pois acredito que elas ou eles devam ser respeitadas, em todos os sentidos”. Já o sujeito (H2), “foi ridículo, absurdo e outros termos que nem vale falar”, eles querem tudo, já basta se vestirem que nem mulher, isso foi um destaque que até o [...] “por questões ético a pesquisa ausenta discorrer”, [...] não aprovou”. O sujeito (WC5) “não sentir nada. Na minha opinião foi algo normal, o que realmente me faz vibrar é ver pessoas do meio LGBTQ+ em posições de destaque, como Pablllo Vittar que conquistou no Brasil com sua Música e está conquistando o mundo também. Entre outras personalidades que estão dando o seu melhor para apresentar a comunidade”.

Este enfoque colocou novamente em discurso a linguagem pajubá<sup>9</sup>. Está linguagem está inserida na comunidade de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais – LGBTQ+<sup>10</sup> – onde está passa a ser vista como uma forma de comunicação e que causa certo desconforto na sociedade. Essa linguagem ainda, utilizada pela comunidade LGBTQ+ é proveniente do Iourubá, além de ser usada também em rituais sagrados do Candomblé. O pajubá hoje pode ser definido como o “repertório vocabular e performativo de certa parcela da comunidade LGBTQ+, explicou Carlos Henrique Lucas Lima, professor da UFOB (Universidade Federal do Oeste da Bahia) e autor do livro “Linguagens pajubeyras: re(ex)istência cultural e subversão da heteronormatividade”.

E isso faz a pesquisa analisar também a posição dos sujeitos homossexuais sobre a questão e qual a visão deste, pois, como relato alguns sujeitos foram participantes direto deste exame. Diz (A4), “simplesmente amei”. Em comum acordo (A2), “amei, a linguagem inserida na prova ajudará a quebra mais o preconceito e mostra que todos somos iguais”. O sujeito

<sup>9</sup> Também chamada de bajubá (com “b” ao invés de “p”).

<sup>10</sup> LGBTQ+ (Lésbicas, Gay, Bissexuais, Travestis e Transsexuais), o ‘Q’ – Queer, engloba todas as orientações e identidades, sem se especificar em apenas uma delas. Ou essa atual sopa de letrinhas LGBTTTQQIAA..

(A4) “*amei, até para as pessoas entenderem que ser gay não é um bicho de 7 cabeça, já conheci pessoas que antes de me conhecer não gostavam de gay e que hoje são meus melhores amigos*”.

A linguagem “gay” ou “pajubá”, conceituada por Maria de Fátima Castro Amorim de Moraes doutora da UEA e professora e orientadora da pesquisa, “é um conjunto de expressões e palavras frequentemente usadas no meio homossexual, sendo concebida como identidade sociocultural desse grupo de falantes”. Vinda da África, com o tempo o vocabulário veio tomando força e adquirindo novas expressões, passando a fazer parte não só do meio LGBTQ+, mas também do meio heterossexual. E ainda, pregada no Candomblé, o iorubá, da qual Castro (2005) vem afirmar sua origem:

O iorubá é uma língua única, constituída por um grupo de falares regionais concentrados no sudoeste da Nigéria [...] e no antigo Reino Quero [...] hoje, no Benim, onde é chamada de *nagô*, denominação pela qual os iorubás ficaram tradicionalmente conhecidos no Brasil (CASTRO, 2005, p. 3).

Como podemos ver, o pajubá é uma mistura da língua portuguesa informal com elementos provenientes da cultura africana. A sua essência remete ao nagô e ao iorubá, que são grupos étnico-linguísticos africanos, e chegaram às terras brasileiras a partir dos escravos.

A linguagem gay, popularmente dizendo, é usada para manter uma identidade cultural e comunicativa do grupo, criando assim uma espécie de sociedade, na qual, reforça a ideia de que a linguagem é a principal identidade de um povo e que o contexto social e a forma de vida implicam na forma das expressões linguísticas e culturais.

Um ponto interessante do pajubá está no fato de que o dialeto LGBT cria uma dinâmica diferente das adotadas pelas línguas ditas tradicionais, que faz distinção de gênero entre palavras masculinas e femininas. O pajubá quebra um pouco desse padrão e traz terminações femininas para palavras antes masculinas no português tradicional. Por exemplo, em vez de “o dicionário”, fala-se “a dicionária”.

A linguagem sexista já é um objeto de estudo e intervenção tratado em diferentes níveis de governo, tendo chegado ao âmbito das Nações Unidas através da vigésima quarta reunião da assembleia geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), que propôs o exame e a revisão dos registros escritos e dos discursos orais que apresentem formas de discriminação de linguagem com relação às mulheres, visando promover a igualdade de gênero a nível linguístico, institucional e social (BUENO 2015, apud, MORAES, 2018, p. 212)

Muito mais do que nos ensinar a refletir, a questão acima sobre a linguagem secreta dos gays, vem nos relembrar, ainda que indiretamente, o quão a comunidade tefeense e a sociedade em geral ainda é homofóbica e preconceituosa, e como é necessárias mudanças sobre a sexualidade.

## Dialetos encontrados nos contextos estudados

Toda pesquisa visa satisfazer à curiosidade humana, à sede de conhecer as coisas do mundo e tudo que nele há. A pesquisa nasce do desejo de nos conhecermos a nós mesmos, nosso corpo, nossa mente, nossos comportamentos, nosso passado, nosso futuro. Em outras palavras, nós vivemos buscando respostas às nossas dúvidas e anseios fundamentais. Desde quando tomamos consciência de nossa existência, especulamos soluções para tais questões, farejamos indícios e pistas que apontem na direção de respostas convincentes para os nossos dilemas. (XAVIER, 2019, p.17).

A pesquisa neste sentido, sempre fará parte do nosso cotidiano humano. A certo modo, buscamos por respostas, às vezes sistemático e racional, mas, nunca emocional, nem sobrenatural. Então, com este intuito a pesquisa busca a partir do estudo bibliográfico, verificou-se que a questão homossexual, está atrelado a ato de preconceito tanto do lado homofóbico dos heteros, como do lado homo dos não e descolarizados. Como bem colocado nos discursos dos autores desta pesquisa, assim como o uso de sua linguagem, no qual segundo Signorin (2011), afirma que devemos:

[...] repensar a questão da legitimidade da língua em uso em função da lógica democrática da controvérsia, da ruptura e do dissenso como vetores de produção e não de perturbação, perda ou degradação linguística. “Legitimidade dos usos linguísticos” é aqui compreendida em termos socioculturais e políticos e não puramente linguísticos (SIGNORINI, 2011, p. 169-170).

De todos os questionamentos que se tem sobre o homossexualismo e como esse tem sido discutido no contexto contemporâneo, nossos atores comentam/criticam o “ser” e o “estar” homofóbico dentro da sociedade homo e heterossexual, e mostram como sua linguagem é ainda um escape para que se tornam menos desvalorizados e desrespeitados.

As transcrições de suas falas, foram feitas de forma a facilitar, a leitura e para ter melhor a compreensão da análise do caso, vale ressaltar que, omitimos em não fazer correções gramaticais para que as narrativas relatadas se mantenham originais, ou seja, que os vocábulo do discurso aparecem de forma espontâneo.

Na questão, “*sobre o surgimento dessa linguagem e porque está começou a ser usada no país*”, @<sup>11</sup>s usuari@s se posicionam a respeito com os seguintes comentários:

*Luyzoh Bombom (A1), dispõe que: “a linguagem surgiu a partir do momento que alguns homossexuais queriam falar algum tipo de segredo, para que algumas pessoas não entendessem.”. Para Ren@t@ Batell@ (A2), “[..]os gays gostam de inventar algo para*

---

<sup>11</sup> O uso da arroba (@) estará presente nas narrativas e nas falas dos autores da pesquisa, com o sentido de “neutralidade de gênero”, dando ênfase ao discurso binário e não binário, que segundo Moita Lopes (2013, p. 20-21), dispõe que as variações ideológicas influenciam as mudanças linguísticas, além de uma prática do movimento feminista.

*aparecer na sociedade, diante disso gostam de ficar inovando, tanto em ditado de gay, quanto na linguagem atual. Por isso me identifico deste modo, bem queem".* Quanto **Maressa (A3)**, *"na minha opinião foi para nós homossexual se interagir entre nós, para que se comunicamos de forma que as outras pessoas não entendessem, tipo a linguagem do "S", "F" e do "P", por exemplo, usada pelas bibas".* Já **Kalandra (A4)**, *"ela surgiu, como uma forma de melhorar a comunicação entre os homens sexuais. Com isso facilitou o entendimento das linguagens usadas entre o grupo LGBT."*

Através da pesquisa, é notório que os posicionamentos e o uso da linguagem reafirmam a homossexualidade dos participantes. Também podemos observar que, sabendo que tod@s se identificam como "gay" e o dialeto "bichês" está inserida no seu discurso, então, pensamos em perguntar: *Será que todos utilizam um tipo de linguagem específica para se comunicar?* A resposta foi objetiva "Sim", seguida de uma justificativa. Pois, embora afirmam o uso da linguagem "S", "F" e "P", desconheciam a existência do pajubá, passando assim, identificá-las de outras formas, e em outro caso, citam que a linguagem por el@s usad@s é a linguagem do "gay".

A pesquisa, mostra que o dialeto homossexual já faz parte da comunidade LGBT, mas, há dúvida quanto sua existência e sua origem e sua legitimidade. Como diz a entrevistada **Kalandra**, [...] *que na comunidade tefeense as "bichas e bibas" são muito desunid@s. E que nem todos homossexuais sabem falar/usar o "bichês".* Ainda, graças a esses posicionamentos, pode-se notar a diversidade de nomes dado ao dialeto gay. Já que, alguns membros da pesquisa, demonstram a necessidade de se comunicar de forma mais secreta, sem que outros percebam do que se trata, ou mesmo para falar de forma "engraçada", especificamente caricatas e/ou estereotipadas.

A igualdade entre falantes, enquanto falantes, independentemente das posições numa dada ordem sociolinguística, é primeiro e fundamental para que se coloque a questão da legitimidade da língua em uso [...], pois é anterior a toda hierarquização. [...] sua condição de falante – ou seja, sua capacidade de interagir verbalmente no coletivo, seu estatuto de interlocutor autorizado naquele coletivo – é o que legitima os usos que ele faz dessa mesma língua. Não são determinados usos que ele faz da língua, ou determinadas formas que utiliza, que o legitimam como falante "competente" daquela língua (SIGNORINI, 2011, p. 171).

Por se tratar de uma linguagem informal, diferente do "português padrão", falada por pessoas de classes sociais inferiores, a linguagem pajubá ou bichês é vista pelos entrevistados da pesquisa como uma linguagem pouco falada pois contém teor humorístico. Às vezes, a intenção fala el@s é *"imitar" de maneira "debochada" os gays que estão foram dos grupos", são aqueles que são do mesmo grupo LGBT, mas que estão merecem ser destaque"*, são os estereotipados, chamados de "poc-poc" ou "pão-com-ovo", termos do próprio "bichês" para se referir de forma negativa a esses indivíduos sem status.

Ou seja, a fala de uma determinada classe que ainda é considerada “padrão” pela sociedade heterossexual, cisgênero, torna um falante “competente”, excluindo as demais falas, obrigando um membro da comunidade LGBT a sucumbir-se à “linguagem heterossexual”, privando de uma outra forma de fala, sem ser menosprezado.

Para responder à questão linguística, “*Quais os tipos de “biches” que você mais utiliza no seu convívio social? Cite-os:*”. Montamos uma tabela abaixo mostrando que há uma variação de gírias/vocábulos expressados por el@s, no qual nos utilizamos “a dicionária<sup>12</sup>” de autoria de Fred Lib e Vitor Angelo (2006), que deram significância aos termos encontrado por el@s – autores da pesquisa que de forma caricata é transcrita para o língua portuguesa. Tendo assim, esclarecimento de vocábulo bichês mais usados na atualidade pela comunidade LGBT. Incluindo variantes da língua inglesa, também usada nos bichês local.

Consta nesta tabela, algumas frases ou expressões utilizadas pelos entrevistados da comunidade tefeense no seu cotidiano. Vejamos:

EXPRESSÃO E FRASES EM BICHES (fala da pesquisa)	AURELIA, A DICIONARIA DA LINGUA AFIADA
Arrasou/Abalou/.Amapô/Aqüê/Aqüendar - Você arrasou - Aquendem-se monas	- Expressão de admiração em relação a um ato bem-sucedido de outra pessoa. /O mesmo que arrasou/Mulher, Dinheiro. /Olhar, paquera, também pode ser usado como fazer sexo. V.t.i. e intr. 1. Fazer algo bem-feito e/ou com graça. 2. Se jogar. 3. Ir fundo. 4. Soltar a franga. No imperativo, arrasa pode ainda significar /Olá querida e tchau - Perfeita, maravilhosa, ou algo ficou correto. - “aquendem-se”. Isso significa prestem atenção
Bafão, <b>Babado</b> ou <b>bafo</b> /Barbie/ Bofe/ Bolacha	1. Podem ser várias coisas, entre elas: discussão, confusão/ Homem homossexual malhado e afeminado. / Homem bonito. / Homossexual feminino.
Carimbo/Carimbar/Caminhoneira/Carão/ Chuca/Close/Colar velcro 1 - <b>Cata lá mala!</b>	Doença sexualmente transmissível/Transmitir doença./mulher homossexual masculinizada/Fazer pose, debochar./Lavagem intestinal/ Pessoa metida./ato sexual entre duas mulheres. <b>1. Homem com órgão genital avantajado.</b>
Demônio/Desaquendar - Você fala que vai <b>desaquendar?</b>	Gay feio (a)/ sair fora deixar o lugar. V.t.d. e intr. <b>1.</b> Deixar de lado; deixar em paz; <b>2.</b> Esquecer; <b>3.</b> Ir embora, vazar./ Vai pra lá, desaparece
Edí/ É tudo/ Entendida (o)/ Dar Elza/Erê/Equê - <b>Dá meu aqüê!</b>	ânus/Algo muito bonito e/ou interessante/Lésbica, gay/Roubar/Criança. /Mentira. <b>1.</b> Devolva meu dinheiro
Fomfom/ Fita/ Fancha	Gazes./Esperma./sapatão
Gravação	Sexo oral

<sup>12</sup> A Língua portuguesa ganha o seu primeiro grande dicionário de palavras e expressões utilizadas no universo dos gays, lésbicas e simpatizantes. Trata-se de “Aurélia - A dicionária da língua afiada”, um trabalho minucioso e apurado dos pesquisadores e artistas Fred Lib e Ângelo Vip e um requintado projeto gráfico da artista plástica Pinky Wainer. Além dos verbetes colhidos em todas as regiões do Brasil, os autores rechearam o dicionário com “palavras gays” de Portugal e outros países do mundo que falam o português. O livro traz, além da classificação formal utilizada pelos dicionários convencionais - substantivos, adjetivos, advérbios etc, também mostra a origem geográfica dos vocábulos e expressões. A narrativa é caricata e também fora dos padrões “politicamente correto”, optando por documentar a linguagem utilizada realmente no universo GLS (gay, Lésbica e Simpatizante)

Ilê	Casa
- Lata um boy.	1. Marca o rapaz/Paquera.
Mona/ Mondongro/Mala/Maricona - <b>Mona</b> cade você?	Mulher; ou homossexual masculino afeminado./ Feio, esquisito (nome dado às deformações causadas pelo uso de silicone industrial)./ órgão genital masculino./ Homem homossexual com mais de 50 anos 1. Pergunta feita a uma mulher. Para que está diga aonde estar e/ou porquê sumiu.
<b>Nhaín?/Neca</b> - Nhai mona	Expressão de cumprimento, talvez a mais usada no meio homossexual. O mesmo que olá, como vai?/ órgão genital masculino). 1. “e aí”: expressão de cumprimento, talvez a mais usada no meio homossexual.
<b>Ocâne/ Ocó</b>	Órgão genital masculino/Homem.
<b>Pajubá – Picumã – Picumã do equê – Parô tudo/Jogar o picumã</b>	denominação da linguagem e Dicionária GLS/ Cabelo./ Peruca./ Expressão de admiração sobre algo que seja bonito ou um ato corajoso. 1. Jogar o cabelo com a intenção de ignorar alguém
Queen	1. Rainha, princess, lady, dama, a soberana
Racha	Órgão genital feminino.
<b>Se joga! /Suzie</b>	- expressão de estímulo, o mesmo que "Vá em frente"/Homem homossexual malhado, afeminado e já com mais de 40.
Tata/ Tombar / Tô loka / Tô passadaTá meu bem!/ Tô bege -	Homossexual masculino muito afeminado./ arrasar, chegar arrasando/ Expressão de raiva, também usada para indicar que a pessoa está sob o efeito de drogas ou álcool. Pode também ter sentido jocoso./- expressão de admiração/Expressão de espanto e também de admiração./O mesmo que tô passada!).
Uzê /U/ó Um luxo	Ruim, pior que uó./ Alguma coisa ruim./ Algo bonito, interessante...
Zalene	Estar excitado.
- Aqui tem muita <b>bicha-pão-com-ovo.</b>  - <b>Essa mona só pão-com-ovo.</b>	S.f.(pejorativo) (SP) 1. Homossexual pobre culturalmente. 2. Diz-se das bibitas que não têm condições financeiras para comer na rua e levam um pão com ovo para comer na condução, na viagem de volta para casa, depois da balada. [...] 3. Refere-se àquela bicha de moral baixa, sem escrúpulos nem dignidade e com lapsos de memória.  S.m. (SP) 1. Lanchinho que as bibitas sem condições financeiras para comer na rua levam de casa; 2. As próprias bichas adeptas do lanchinho. (Vide também bicha-pão-com-ovo). 3. Mulher, que só quer ser. Mas, só come ovo. (não tem status financeiro)
- Olha o tombo mona!	1. Marcou e não apareceu
Obs.: Outras expressões também foram citadas na pesquisa como: <b>acué, neca, chuca, mapô, Cata o boy, escândalo, é truque Ocó, gongar</b> ), verbetes que também estão inclusas na a dicionaria e podem ser visualizadas em sites no Google.	

As pessoas LGBTQ+ que utilizam o “bichês” em seu cotidiano, ou seja, com a intenção primária de transmitir mensagem sem teor humorístico ou com intenção de denegrir, são enxergados como de classe social inferior, menor escolaridade e até mesmo de menos inteligência. Além, disso, são muitas vezes classificad@s como “mais gays”, isto é, pessoas que não correspondem ao padrão heteronormativo da sociedade.

Este posicionamento fica visível quando os entrevistados respondem a seguinte questão “*Como você descreve o preconceito sobre a homossexualidade na sociedade, especificamente*

*em Tefé?”*. A entrevistad@ (A1) *“acho que em nossa cidade o preconceito acontece através da violência homofóbica”*. A entrevistad@ (A2), *“em Tefé o preconceito está em nível médio, já esteve pior, mais melhorou bastante, o importante é não dá confiança aos homofóbicos e viver a vida como gosta”*. Outra entrevistad@ (A3), *“péssimo, pois em Tefé ainda tem muita gente preconceituosa que não respeita nosso espaço, acho que merecemos respeito por que somos seres humanos iguais há todo mundo”*. E continua, *“até concordo com pessoas que não gosto de “gay”, por que tem coisas que não gosto também, mais respeito – falo dos gays que se beijam em público, não despeitando o espaço social e as vezes as crianças que estão neste espaço”*. A entrevistad@ (A4), *“aqui, o preconceito é muito grande por estar ser uma cidade muito pequena”*

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por trás de episódios homofóbicos contra a homossexualidade e contra o dialeto gay, encontra-se um contexto social, responsável pela transmissão das respostas negativas. O preconceito, assim denominado excludente, pode não ocorrer em todos os locais ou com todas as pessoas identificadas com a comunidade LGBT e LGS, mas nem por isso, sua história ou importância deve permanecer escondido/secreto aos olhos da discussão social ou da proteção das políticas públicas, sem des/considerar os atos da violência homofóbica. É nosso dever quebrar as rupturas ideológicas, ainda que assim se adote medidas que combatam o preconceito e os preconceituoso a médio e longo prazo.

A partir do objetivo do estudo, que foi analisar a história conceitual no cenário atemporal através das narrativas transcritas e faladas pelos sujeitos da pesquisa, cabe contribuirmos com respeito que temos sobre o ponto de vista daqueles que pensam de forma diferente.

Hoje nos colocamos no grupo de pessoas que aplaudem a diferenças de pé, pois creio que o ensino acadêmico não pode ignorar problemas sociais ainda tão graves a nível macro (do coletivo) para o micro (particular) ou da oposição de Superioridade & Inferioridade. A educação para nós agora, vai muito além do ensino das fórmulas matemáticas e das regras gramaticais. A educação é acima de tudo, uma maneira de formar cidadãos para constituírem as suas opiniões críticas sobre as situações que assolam o mundo em que vivem.

Deste modo, todo discurso linguístico possui elementos que os diferenciam, seja pelo seu modo de falar, pelo seu posicionamento narrativo ou pela valorização que as identificam. A linguagem em estudo, mostrou que embora a linguagem pajubá possua variações que a torna

diferente, ela também ainda é diferencia entre os falantes. Talvez, por não ter ainda valor de status, a observação feita sobre o dialeto e a homossexualidade, mereceu destaque neste estudo acadêmico, com o intuito de mostrar que embora sendo minoria, ainda assim, tem sua importância, a vista do objeto e sujeito que buscam ser aceitos no campo heterossexual sem seguir padrão heteronormativo da sociedade contemporânea.

E mesmo, sendo decorrente de classe social inferiorizada, sem grau de escolaridade, sem posição de status, e de grupos menosprezados, este objeto e sujeito, passam a partir deste discurso, ser observado nesta pesquisa e no cenário contemporâneo com mais valor, pois se estabelecem como identidade de gênero.

Embora possa ser de comunidades de fala semelhante, constatamos na narrativa que dois falantes podem ainda ter dificuldades em se comunicar por um deles, ser homossexual e o outro ser heterossexual.



## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ADAMS, H. E., Wright, L. W., & Lohr, B. A. (1996, August). **Is homophobia associated with homosexual arousal?** *Journal of Abnormal Psychology*, 105(3),440-445.

AZEVEDO FILHO, Adriano. **Princípios de Inferência Dedutiva e Indutiva: Noções de Lógica e Métodos de Prova.** 1ª Edição 2010.

BUTLER, J. organizador. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** Rio de Janeiro: Civil; 2003, 238p.)

BUENO 2015, apud, MORAES, **Anais: X Semana de Letras: as letras orquestram o universo da linguagem.** UEA, 2018, p 212.

CAETANO, Marcio. **Performatividades reguladas: heteronormatividade, narrativas biográficas e educação.** Curitiba: Appris. 2006.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica.** São Paulo: Parábola, 2002.

CAMACHO, Roberto Gomes. **Sociolinguística parte II.**

CASTRO, Yeda Pessoa de. **A influência das línguas africanas no português brasileiro.** In: Secretaria Municipal de Educação – Prefeitura da Cidade do Salvador. (org.). **Pasta de textos da professora e do professor.** Salvador: Secretaria Municipal de Educação, 2005.

CAVALCANTE, Sérgio Henrique Arruda. **Manual de elaboração de tese, dissertação e monografia.** Fortaleza: Universidade de Fortaleza. 2006.

CEZARIO, Maria Moura; VOTRE, Sebastião. **Sociolinguística.** In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). **Manual de linguística.** São Paulo: Contexto, 2009.

COSTA, Flávia Albaine Farias da. **O dialeto gay do ENEM: a importância do respeito à cultura e aos direitos da população LGBTI.** 2018. Disponível em: <http://www.justificando.com/2018/11/19/o-dialeto-gay-do-enem-a-importancia-do-respeito-a-cultura-e-aos-direitos-da-populacao-lgbti/>.

COULTHARD, Malcolm. **Linguagem e sexo.** Ática, 1991.

**Dicionário morfológico da língua portuguesa**, por Everaldo Heckler, Seraldo Back e Egon Ricardo Massing \u2013 São Leopoldo, UNISINOS, 1984. 5v.

FAZZANO, Leandro Herkert; GALLO, Alex Eduardo. **Uma análise da homofobia sob a perspectiva análise do comportamento.** Universidade do Estado de Londrina. PR, Brasil. 2015

FRASER, M.T.D.; GONDIM, S.M.G. **Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa.** Paidéia, v.14, n.28, p.139-52, 2004.

FRAZAO, Pedro e ROSARIO, Renata. **O coming out de gays e lésbicas e as relações familiares .** *Aná. Psicológica* [online]. 2008, vol.26, n.1, pp.25-45. ISSN 0870-8231.

FEIJÓ, M. R. (2002). Roupas sujas só se lava em casa? A importância da rede social no trabalho psicoterapêutico. Dissertação de mestrado não publicada, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo. Feijó, M. R. (2006) Família e rede social. In C. Cervený (Org.), Família e...São Paulo: Casa do Psicólogo. Feijó, M. R. (2007). **Práticas sistêmicas com casais e famílias com**

**dificuldades afetivo-sexuais.** In A. L. Horta & M. R. Feijó (Orgs.), *Sexualidade na família* (pp. 111-122). São Paulo: Expressão & Arte

GASKIN, J.M., KING, R.R., LANE, T.J. *et al.* Serological detection of *Rhodococcus equi* infections of foals. In: ACIM FORUM., 1992, Washington. **Proceedings...** Washington, 1992.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

ILARI, R. O Estruturalismo Linguístico: alguns caminhos. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (orgs) *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos.* São Paulo: Cortez, 2004, p. 53-92 v.3. SAPIR, Edward. *A Linguagem: Introdução ao estudo da Fala.* 2. ed. Tradução: J SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral.** São Paulo: Cultrix; Editora da USP, POSSENTI, Sírio Departamento de Linguística, Universidade Estadual de Campinas, Instituto Ciências Hoje,

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica.** 8ª. Ed. São Paulo: Atlas, 2017.

LIMA, Carlos Henrique Lucas. **Linguagens Pajubeyras: Re(ex)istência cultural e subversão da heteronormatividade.** Ed. Devires, p. 236, (UFBA) – Salvador, 2017.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: Teoria método e criatividade.** Petrópolis, Ed.21. RJ: Vozes. 2002.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. *Linguística aplicada e a vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa (2006).* In: \_\_\_\_\_ (org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar.** 2 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

\_\_\_\_\_. *A questão da língua legítima na sociedade democrática: um desafio para a linguística aplicada contemporânea.* In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar.** 2 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2011, p. 169-190.

MORAES, Maria de Fátima Castro Amorim de. **Anais: X Semana de Letras: as letras orquestram o universo da linguagem.** Manaus: UEA Edições, 2018. 280 f.: color.; 21 cm.

RAMPTON, Ben. *Continuidade e mudança nas visões de sociedade em linguística aplicada.* In: Revista de Psicologia UFC. **Homossexualidade na história** ISSN 2179-1740

\_\_\_\_\_. *Continuidade e mudança nas visões de sociedade em linguística aplicada.* In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (org). *Por uma linguística aplicada Indisciplinar.* São Paulo: parábola Editorial, 2006.

SALGUEIRO, Pablo Andreu Takano. **Dialeto homossexual na sociedade pelo viés da Sociolinguística.** Campus Universitário de Pontes e Lacerda – UEMG.

SALMON, Wesley C. *Logic,* 2nd ed.. New Jersey:Prentice-Hall, 1973.

SANT'ANNA MS, Daspett C. “O pote de ouro no final do arco-íris”: casais e famílias homossexuais. In: Horta ALM, Feijó M, organizadores. Sexualidade na família. São Paulo, SP: Exp. e Art., 2007. p. 161-174.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. Tradução A. Chelini, J. P. Paes e I. Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1993.

SIGNORINI, Inês. Letramento e (in)flexibilidade comunicativa. In: KLEIMAN, Ângela B (org.). **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.

VIDARTE, Paco (1999). **Armario: la vida privada del homosexual o el homosexual privado de vida**. In: LLAMAS, Ricardo; VIDARTE, Francisco Javier. Homografías. Madrid: Espasa Calpe. p. 44-55. Disponível em: Acesso em: 10 abril 2019.

VIDARTE, Paco. **Ética marica: proclamas libertarias para una militância LGBTQ**. Barcelona-Madrid: Egales. (2007).

VIP, Angelo; LIBI, Fred. **Aurélia, a dicionária da língua afiada**. 24 ed. São Paulo: Clara Ltda. 2006.

<https://super.abril.com.br/cultura/o-que-e-o-pajuba-a-linguagem-criada-pela-comunidade-lgbt/>

<http://www.gamati.com/2018/11/14/pajuba-a-linguagem-da-comunidade-lgbt-que-ganhou-o-brasil/>

<https://observatoriog.bol.uol.com.br/noticias/2018/11/prova-do-enem-traz-questao-sobre-gurias-gays>

<https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/secreto>

**ANEXO 01 – QUESTIONARIO DA PESQUISA**

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS-UEA  
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE TEFÉ/CEST  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS**

Solicitamos sua colaboração no sentido de responder esse questionário, cujo objetivo é demonstrar o uso da linguagem pajubá “bichês”, como produto representativo da comunidade LGBT. O título deste trabalho é: **“DIALETO E HOMOSSEXUALIDADE NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: UM ESTUDO NA CIDADE DE TEFÉ”**, será abordado por mim, Giovana Pires da Silva, acadêmica do 8º período do Curso de Letras da Universidade do Estado do Amazonas – UEA/CEST – TEFÉ.

Nome: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_

Gênero : ( ) Masculino ( ) Feminino Se defina: \_\_\_\_\_

Nome social: \_\_\_\_\_

1 - Você utiliza uma linguagem específica do seu grupo para se comunicar?

( ) SIM ( ) NÃO QUAL? \_\_\_\_\_

2 - Na sua opinião, por que surgiu essa linguagem e por que começou a ser usado no país?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

3 - Quando você teve contato com a linguagem homossexual, participava de algum grupo LGBTQ+ neste município?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

4 - Como você descreve o preconceito sobre a homossexualidade na sociedade, especificamente em Tefé?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

5 - Que sensações você teve ao ver a linguagem “**gay**” inserida em textos escolares, na prova do ENEM e na internet? Escolha uma opção ou defina outra, depois explique:

(  ) Amei    (  ) Foi bom    (  ) Não senti nada    (  ) Detestei

OUTRA: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

6 – Quais os tipos de “biches” que você mais utiliza no seu convívio social? Cite-os:

\_\_\_\_\_

7 - DESCREVA UM POUCO DE SUA HISTÓRIA A PARTIR DO MOMENTO QUE SE DESCOBRIU EM OUTRA SEXUALIDADE,

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

7 - COMO SE DEU O SEU PROCESSO DE REVELAÇÃO DA ORIENTAÇÃO SEXUAL, A PARTIR DA PERSPECTIVA DE ACEITAÇÃO FAMILIAR.

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

8 – Qual seu grau de escolaridade? E qual é sua posição sobre a concepção dos hétero quando relatam que todo homossexual é descolarizados, ou seja, “burra” – (termo pejorativo e homofóbico)

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Obrigada pela sua participação!!!